

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

14

Centre de Documentation du Cours
de Langue et Littérature Française

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO

L I T E R Á R I O

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA
VITÓRIA, ES – DEZEMBRO DE 2006

Conselho Editorial:

ALMUTH GRÉSILLON
AMÁLIO PINHEIRO
JULIO CASTAÑON
RAUL ANTELO
ROBERTO BRANDÃO
WILLI BOLLE
YEDDA DIAS LIMA

Editoria científica:

ÂNGELA GRANDO BEZERRA
APARECIDO JOSÉ CIRILLO
MARIA REGINA RODRIGUES
MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES
FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS NETO

Diretoria Editorial:

APARECIDO JOSÉ CIRILLO

Projeto Gráfico:

LUCIANO ALVES PORTELA
VITOR CAMPOS LOUZADA

Ilustração Capa:

ATÍLIO COLNAGO

SUMÁRIO

1. Como entender os processos de criação vinte anos depois - Philippe Willemart.....	9
2. Lecture macro, lecture micro du processus d'écriture_ Réflexions sur la performativité du détail en critique génétique - Irène Fenoglio.....	22
3. Crítica de Processo - Cecília Salles.....	36
4. Signo e significação: Pensamento diagramático e leis de formação - Daniel Ribeiro Cardoso.....	41
5. Informação Estética: Processos de Construção de Formas na Criação - Edina Regina P. Panichi.....	47
6. Breviário das terras do brasil: uma aventura nos tempos da inquisição e os vários caminhos que os manuscritos nos proporcionam - Isabel Cristina Farias de Lima.....	52
7. A Comunidade do Arco-íris: a Gênese de um Possível Novo Mundo - Mara Lúcia Barbosa Da Silva.....	56
8. A presença de João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes em Acervos de escritores espanhóis - Ricardo Souza De Carvalho.....	61
9. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação - Marcos Antonio de Moraes.....	65
10. Poética do processo - Roberto de Oliveira Brandão.....	71
11. Estética da Criação: a gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos - Vanda Cunha Albieri Nery.....	75
12. O território do caderno de criação - Laís Guaraldo.....	80
13. O códice 367 (320) da Biblioteca Nacional de Lisboa - Carlos Eduardo Mendes de Moraes.....	88
14. Acervos de autores e projetos de edição crítica: Os casos de Fernando Pessoa e Eça de Queirós - Ceila Ferreira Martins.....	94
15. Ficção e Imprensa no Brasil: os Processos de Criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar - José Alcides Ribeiro.....	101
16. Machado de Assis e o Corpus flaubertianum - Verónica Galíndez Jorge.....	116
17. Revisitando a aquisição de segunda língua: inglês - Ana Elisa Machado Cysne.....	121
18. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel Garcia Marques Memória de minhas putas tristes. - Marie-Hélène Paret Passos.....	127
19. Drummond e o Arquivo-Museu de Literatura - Eliane Vasconcellos.....	132
20. Arquivos de escritores: as tramas no Arquivo Mário de Andrade - Marcia Regina Jaschke Machado.....	138

21. Método Van Gogh de formação em artes visuais - Edson P. Pfützenreuter.....	143
22. Um diálogo com as cartas de Vincent Van Gogh - A partir do livro Vincent Van Gogh: cartas a Théo - Maria Paula Palhares Fernandes.....	150
23. Italo Calvino: reflexões sobre processo de criação - Maria Sílvia Bigareli.....	161
24. A Poética de Norma Grinberg: O Arco do Desejo - Sylvia R. Fernandes.....	166
25. Construção metodológica na pesquisa em Educação: contribuições da Crítica Genética - Ronaldo Alexandre de Oliveira e Sílvia Regina Ribeiro.....	171
26. Processos de escritura na escola: breve panorama de alguns estudos franceses e brasileiros - Valquíria C. M. Borba e Eduardo Calil.....	177
27. Desdobrando as Funções dos Documentos de Processo: uma Análise nas Artes Visuais - Aparecido José Cirillo.....	185
28. Problemas de transcrição na Missa no. 7 de Francisco Mignone - Carlos Alberto Figueiredo.....	193
29. Processo de criação: diálogo com a cultura - Cristiane Miryam Drumond de Brito	199
30. Espaços de criação de duas ceramistas brasileiras - Maria Regina Rodrigues.....	206
31. Acaso como tendência: o projeto poético de Milton Montenegro - Maria Gorete Dadalto Gonçalves.....	215
32. Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso - Ésio Macedo Ribeiro.....	225
33. A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas - Francine Fernandes Weiss Ricieri.....	231
34. O fazer naturalista em o mulato, de Aluísio Azevedo - Laura Camilo dos Santos Cruz.	237
35. Perspectivas sobre a gênese de Casa de pensão - Marizete Liamar Grando.....	244
36. A escrita literária é sempre uma prática crítica. Mas crítica do quê? Do processo - Claudia Amigo Pino.....	249
37. O processo telejornalístico na edição - Aline Grego.....	259
38. A Crítica Genética na Propaganda - Prof. João Vicente Cegato Bertomeu.....	268
39. O Processo de Criação e Produção em Os Simpsons - Profa. Chantal Herskovic.....	277
40. O Caderno Rosa de Hilda Hilst - Cristiane Grando.....	286
41. A condição fotográfica da arte contemporânea - gênese e o processo de criação - Evandro de Freitas Gauna.....	287
42. O processo de criação de Cidade de Deus - Keila Prado da Costa.....	289
43. Generalizações sobre o proceso criativo servindo como suporte no caminhar de uma oficina terapêutica ocupacional com psicóticos	290
44. Disciplina e liberdade: leituras processuais na música de H.J. Koellreutter.....	295

4. SIGNO E SIGNIFICAÇÃO: PENSAMENTO DIAGRAMÁTICO E LEIS DE FORMAÇÃO

DANIEL RIBEIRO CARDOSO
PUC - SP

COMUNICAÇÃO

Interesso-me, de um modo geral, por processos constituidores da forma, seja lá onde eles possam ser percebidos, na biologia ou na arte. Pode-se encontrá-los na gênese de um organismo – na biologia – ou na produção de uma obra para mídias digitais. Posso afirmar que o objeto que direciona esta pesquisa de pós-graduação é a emergência da forma ... A morfogênese.

Sistemicamente formar, constituir forma é, pelo menos localmente, proceder reduzindo índices de entropia, e por isso me entusiasmo. Surgem a partir deste encantamento, várias questões, que tenho certeza, cada uma por si já seria outro objeto de pesquisa. Como construir um mapa, uma representação de um processo? Como formalizá-los? Como constituir ferramentas que possam operar a partir da lógica encontrada? Como levar, emprestar, contaminar outros sistemas com essas estratégias formadoras? Como simular esses procedimentos?

Com a intenção de tentar tornar clara esta comunicação, proponho dividi-la em três blocos. No primeiro, acrescento à abordagem semiótica adotada até agora pela Crítica Genética, aquilo que julgo ser, ponto importante no conjunto das idéias de Peirce. Ainda nesse momento, tento mostrar as conseqüências em se fundamentar uma pesquisa sobre esta doutrina quase-necessária ou formal. No segundo bloco, apresento alguns conceitos básicos da Teoria Geral dos Sistemas. Conceitos estes, oportunos e úteis para tratamento, claro e seguro, de sistemas dinâmicos com estrutura dinâmicas – a serem considerados na última parte desta fala. Apresento ao final, algumas experiências e ferramentas computacionais existentes, que apontam para um possível caminho para abordagem e expansão da Crítica do Processo.

SEMIÓTICA UMA CIÊNCIA DA FORMA

Passado longo período em contato com o pensamento de Peirce, me deparo com a mais rigorosa e esclarecedora explicação de Semiótica. Elaborada pelo professor Lauro da Silveira para o “Curso de Introdução de Semiótica Geral” em 2004, chegou até mim por acaso e gentileza de um dos seus orientandos.

O professor de Marília inicia seu curso com o conceito de semiótica retirado dos escritos de Peirce de 1897. Segue trecho selecionado para início do curso:

Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para semiótica (σημειωτική), a quasi-necessária, ou formal, doutrina dos signos. Descrevendo a doutrina como quasi-necessária ou formal, quero dizer que observamos os caracteres de tais

signos e, a partir dessa observação, por um processo que não objetarei denominar Abstração, somos levados a afirmações, eminentemente falíveis e por isso, num certo sentido, de modo algum necessárias, a respeito do que devem ser os caracteres de todos os signos utilizados por uma inteligência “científica”, isto é, por uma inteligência capaz de aprender através da experiência (CP. 2. 227, grifos nossos).

O primeiro ponto a se observar, é a relação de identidade estabelecida por Peirce entre lógica⁵⁵ e Semiótica. A lógica, em sentido geral, insere-se à arte de raciocinar, como um operador para assegurar a posse completa e o poder de realizar inferência. Ressalta-se ainda, na definição apresentada, a característica de ser “quasi-necessária, ou formal” a doutrina peirceana dos signos.

A lógica, no sistema de classificação elaborado por Peirce, encontra-se ora como uma parte da Matemática, ora identificada como Semiótica. A “matemática é caracterizada como a prática do pensamento necessário, [...] lógica como o estudo e a análise do pensamento necessário” (Roberts 1973. p.16). Desse modo, através da lógica, o autor estabelece a coesão da arquitetura científica⁵⁶.

Ademais, para o autor da ciência dos signos, todo pensamento está atrelado ao uso da observação, todo processo reflexivo inicia-se e tem continuidade através da experiência com objetos de natureza diversa. Na Matemática trata-se da “observação de objetos artificiais [...] como Gauss tem afirmado, álgebra é a ciência do olho”(Peirce apud Roberts.p.16-17). Na Filosofia objetos constituídos principalmente da experiência com o real.

O objeto matemático proporciona um exercício intelectual que se justifica por si, puramente formal, não constituindo assim envolvimento necessário com a experiência. No domínio da Matemática, a lógica – nominada lógica dedutiva ou álgebra lógica – opera na construção de formas puras, enquanto que identificada como Semiótica operará de forma falível, assim de modo algum necessária. Percebe-se a aproximação existente entre procedimentos lógicos e os processos constituidores da forma, independentemente da natureza do objeto tratado. Trata-se, de um modo geral, de processos geradores de sentido, de significado.

Claro fica, a condição de ser “quasi-necessária”⁵⁷ da doutrina dos signos, pois a natureza da necessidade estrita é do domínio da Matemática, como elucidado por Lauro da Silveira. Devendo operar a Lógica – *suis generis* – ou Semiótica ao modo da necessidade, à maneira de qualquer procedimento formal. Peirce, em um outro momento, por rigor ou hábito na construção do pensamento científico, afirma que “qualquer teoria do conhecimento que não se ajusta a esse fato deve ser abandonada” (CP.3.92).

No entanto, há ainda outros pontos para aprofundamento, tais como o caráter abstrato da semiose – base para o entendimento de um pensamento diagramático – e o outro, “uma inteligência capaz de aprender com a experiência” (Silveira 2004. p.7).

“Aprender com a experiência”, trata-se de uma conduta aberta a todos os homens, seja na vida cotidiana ou num processo rigoroso de pesquisa científica. Sobre essa conduta, Peirce estabelece o que define como Filosofia Científica. Uma filosofia que tem como parte constitutiva a Semiótica. Como explicado pelo professor de filosofia em seu curso de 2004:

à Semiótica caberá [...] observar o fenômeno que se deseja estudar, propor sob a forma de uma figura imaginária, por Peirce denominada Diagrama, um conjunto de relações que espera melhor representar aquele fenômeno e desse modo antecipar como deverá proceder [alcançando] efetivamente em seus exemplares concretos, a interação pretendida com o fenômeno (Silveira 2004. p.9).

Neste trecho da explicação do Lauro da Silveira, pode-se ter uma idéia da forma do sistema organizado por Peirce, constituído como se vê, de conceitos inerentes à fenomenologia, à semiótica e ao pragmatismo numa relação quase necessária.

Creio serem estes alguns esclarecimentos que farão parte do corpo da tese, assim como o aprofundamento na teoria dos Grafos Existenciais. No momento sigo com o propósito desta mesa ... a Crítica de Processo.

CONCEITOS DA TGS - TEORIA GERAL DOS SISTEMAS

O objetivo deste bloco é apresentar conceitos básicos da TGS, como sistematizada por Jorge Vieira a partir de alguns autores como Avanir Uyemov, Mario Bunge e K. Denbigh. A Teoria Geral dos Sistemas como entendida por Bunge – uma Ontologia Científica – pretende ser uma ontologia geral. A partir desta, sugiro a apropriação de alguns conceitos e definições, que possam ser adequadas à Crítica de Processo. Apropriação do modo de abordar objetos para reflexão.

Na definição de Uyemov, sistema é entendido como um agregado de coisas, que postas de tal modo em relação, haja a emergência de propriedades não encontradas em nenhum dos componentes anteriormente isolados. Na formalização do autor:

$$(m)S =_{df} [R(m)] IP$$

(m) é o agregado;

S o sistema considerado;

R o conjunto de relações;

IP o conjunto de propriedades partilhadas.

Ressalta-se: na abordagem sistêmica são consideradas as partes, as propriedades do todo e assim como o conjunto de relações. Na definição Bunge, de certa forma complementar a de Uyemov, considera-se não só as relações internas ao sistema mas as relações estabelecidas entre este e o ambiente em que se insere.

Seguindo a sistematização proposta por Vieira, “sistemas conectam-se internamente e na realidade, regidos pelos chamados Parâmetros Sistêmicos. [São eles básicos e evolutivos]. Percorrendo a todos, contribuindo com todos e sendo implementado por todos, existe um parâmetro livre, a Complexidade” (Vieira 2003).

Na busca pela permanência – parâmetro básico mais importante – os sistemas se conectam, se estruturam, ganham integralidade, funcionalidade e organização; ou seja, se desenvolvem e ganham complexidade com o propósito de permanecer. Nessa linha geral evolutiva dos sistemas, verifica-se o processo de emergência da forma. Primeiro meros agregados, depois um sistema organizado, adaptativo e com complexidade relativa.

Forma é propriedade substancial, não só atributo ou predicado, como afirma Bunge, no seu Tratado Básico de Filosofia – volume 3; para tornar mais enfática essa condição, Bunge, ainda restrito aos sistemas concretos, comenta: “exceto como ficção útil, não existe substância sem forma” (Bunge 2004).

Nesse domínio, intuo – pois ainda é preciso de uma abordagem mais rigorosa –, a forma é um índice da complexidade atingida pelo organismo num determinado tempo, assim a configuração em que se encontra o sistema é o resultado de um desenvolvimento, de um processo de evolução: “um evento no espaço-tempo, e não meramente uma configuração espacial” (Thompson 1952).

Apresento ainda conceitos fundamentais utilizados na teoria geral, que julgo importantes para essa apresentação. Em sistemas dinâmicos, o ponto em que este se encontra tempo, caracteriza seu estado. Um estado é representado pelo conjunto de suas variáveis que melhor descrevem o sistema. Mudança de estado no tempo – eventos – podem ser descritos a partir de suas funções de transição. Uma série de eventos constitui o Processo.

MORFOGÊNESE

Em seu artigo sobre visualização de modelos de morfogênese, Prusinkiewicz apresenta duas direções para abordagens dos estudos em morfogênese. A primeira considera a forma como derivada dos processos de crescimento, formulada por d'Arcy Thompson. O segundo caminho “foca no fluxo das substâncias através de um meio” (Prusinkiewicz 1996. p.62), formulada por Alan Turing. Coerente com esses caminhos, o autor do artigo propõe uma classificação nos modelos de geração das estruturas. Modelos devem ser “estrutura-orientada”, focando nos componentes (módulos) do desenvolvimento estrutural, ou “espaço-orientado” considera todo o espaço que envolve a estrutura. O modelo da primeira categoria descreve onde cada componente da estrutura está locado. O segundo descreve qual o estado de cada ponto no espaço. No primeiro modelo proposto, apenas a lógica de desenvolvimento interna é considerada, o ambiente em que a estrutura está inserida não afeta sua evolução. No segundo modelo, mais complexo, as restrições ambientais são consideradas.

No momento apresento o exemplo de modelo de “estrutura-orientada”. Proposto por Aristid

Lindenmayer, o L-Systems é introduzido como um formalismo utilizado para modelagem de desenvolvimento de organismos multicelulares. Toda a estrutura é tratada como um sistema composto por subsistemas ou módulos. Cada tipo de módulo é representado por um símbolo – uma letra. A natureza do módulo não é predefinida podendo representar células em pequenos organismos, ou unidades funcionais, ou unidades estruturais tais como galhos, folhas e flores de uma planta. O desenvolvimento de uma estrutura é descrita como regras de reescrita ou produção. Estas regras de formação descrevem como a estrutura poderá evoluir, devendo alterar o estado de cada módulo para zero, ou identificando-o com um ou substituindo-o por vários módulos segundo a possibilidade da produção. A regra de reescrita é aplicada em paralelo, com o intuito de traduzir a simultaneidade do crescimento das partes do organismo.

Tomando como exemplo, Lindenmayer apresenta o processo de formação de uma cianobactéria – *Anabaena catenule*. O processo de desenvolvimento destas bactérias, está diretamente relacionado a como elas se ordenam nos filamentos. Estes

organismos são constituídos por dois tipos de células. Um célula longa L e uma célula pequena S. De um modo básico as regras de reescrita são:

A “palavra” do início do processo é definida como AXIOMA denotada pela letra ω . O alfabeto V, para o caso exposto, $V = \{Ld, Le, Sd, Se\}$ e a regra de reescrita R. Isto posto, a seqüência de desenvolvimento gerado é um L-Systems $G = \{V, \omega, R\}$, que no exemplo apresentado terá com axioma o L (direita).

$$\omega = Ld$$

$$V = \{Ld, Le, Sd, Se\}$$

$$G = \{V, \omega, R\}$$

O L-Systems, apresentado aqui de forma básica, tem se desenvolvido e constituído aplicativos de animação. Os desdobramentos tem aplicações têm sido levadas para várias áreas que utilizam a simulação como modo de representar o objeto específico de pesquisa.

Não pretendo, no momento, concluir nada, apenas relaciono, conceitos e ferramentas de diversas áreas para tentar contribuir para a formação da Crítica de Processo.

Referência Bibliográfica:

BUNGE, Mario Augusto. *Tretise on Basic Philosophy v.3. Ontology: the furniture of the world.* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

BUNGE, Mario Augusto. *Treatise on Basic Philosophy v.4. Ontology II : A world of Systems.* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

EMMECHE, Claus. Causal processes, semiosis, and consciousness em SEIBT, Johanna. *Process theories: Crossdisciplinary studies in dynamic categories.* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004, 313-336.

PRUSINKIEWICZ, Przemyslaw. *Visual Models of Morphogenesis* em LANGTON, Christopher G. (ed.). *Artificial Life: an Overview.* Cambridge: MIT Press, 1996, pp.61-74.

ROBERTS, Don D. *The Existencial Graphs of Charles S. Peirce.* Paris: Mouton & Co. N.V., 1973.

SANTAELLA, Lúcia. *Assinatura das Coisas: Peirce e a literatura.* Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1992.

SILVEIRA, Lauro Barbosa. *Curso de Introdução de Semiótica Geral.* Texto inédito, 2004.

THOMPSON, d'Arcy. *On growth and form.* University Press, 1952.

VIEIRA, Jorge A. *Sistemas e significação em Produção de Sentido: estudos transdisciplinares.* FELTRES, H.P.M. (org.) São Paulo: Annablume, 2003.

Notas:

55. Como sugerido pelo professor Lauro da Silveira, adotar-se-á para o texto: *Lógica como Semiótica*, ou seja, na acepção de Peirce.

56. Ver Santaella 1992.

57. Esclarecimento trazido por Lauro da Silveira para o sufixo modelizante quasi-, do latim a modo de.

